



## ENTRE PIPAS, RÉGUAS E ABAYOMIS

**Wilson Queiroz<sup>1</sup>**

Secretária Municipal de Educação de Campinas  
wilsonq10639@gmail.com

**Guilherme do Val Toledo Prado<sup>2</sup>**

Unicamp - Universidade Estadual de Campinas  
[gvtolledo@unicamp.br](mailto:gvtolledo@unicamp.br)

Este artigo busca evidenciar alguns aspectos que envolvem o trabalho com as Africanidades na EMEFEJA Oziel Alves Pereira, na cidade de Campinas ao longo dos mais de 10 anos de seu desenvolvimento. Sua pretensão maior é a busca cotidiana por articular e viabilizar, na prática pedagógica de um professor de matemática do ensino fundamental, mais especificamente, nos ciclos III e IV, a produção de um conhecimento escolar antirracista. Desde que o trabalho com as Africanidades teve início, muito associado ao cumprimento da lei 10639/03, houve a necessidade da apropriação de um conjunto amplo que envolve o Ensino de História e Cultura Africana e Afrobrasileira e um intenso diálogo da matemática com esse repertório, de forma específica, sem descuidar de aspectos como racismo, preconceito e afins. Nessa busca de ações educativas articuladas ao tema, uma das proposições que evidenciam essas tentativas, bem como expõe as experiências vivenciadas, podem ser encontradas nos Informafricativos<sup>3</sup>. Esses informativos estão disponíveis on-line no site da Faculdade de Educação da Unicamp. No entanto, as especificidades de conteúdos e conceitos matemáticos específicos no diálogo com as Africanidades são uma demanda necessária e importante de serem melhor compreendidas e dialogadas. É neste contexto reflexivo que é necessário expor e apresentar experiências com atravessamentos construídos durante as aulas de Matemática e a temática Africanidades, que passaram a ser denominadas pelos estudantes de Matemática. Não se trata, nem de uma reflexão finalizada, muito menos

---

<sup>1</sup> Doutorando em educação (GEPEC -Unicamp), professor de matemática da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, idealizador e editor do Informafricativo.

<sup>2</sup> Professor Livre-Docente da Faculdade de Educação da UNICAMP e coordenador do GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

<sup>3</sup>Para acessar todas as edições dos Informafricativos acesse: <https://www.fe.unicamp.br/a-fe/biblioteca/recursos-line/boletim-informafricativo>



de um trabalho acabado. Trata-se mais de expor uma intencionalidade pedagógica em buscar para uma “disciplina exata” a possibilidade de compreender as articulações que constituíram essa abordagem em sala de aula. Acertos e erros, aspectos da Matemática e das Africanidades que entre si, põe em movimento perspectivas de outras matemáticas possíveis e necessárias num processo de humanização da população negra no currículo. Toma-se como referência para compreender as articulações construídas o diálogo com autores, tais como, Henrique Cunha Junior<sup>4</sup>, Ubiratan D’Ambrósio, Paulus Gerdes<sup>5</sup>, Guilherme Prado, também as reflexões acumuladas em anos de trabalho no magistério e de estudos da temática das Africanidades, muitas delas inscritas nos Informafricativos. Para este trabalho buscaremos evidenciar e detalhar como que foi trabalhado com os estudantes, em momentos ou atividades desenvolvidas em sala de aula ou na escola, as temáticas: Referencial Afro Cartesiano, Casa de Pau a Pique, Confeção de Pipas, Painel Brasil com P, Mapa Brasil Hexágono, Formas Geométricas, Mapa do Brasil em Círculos, Abayomi, Geometria Sona, Simbologia Adinkra, dentre outras atividades que vem sendo constituída ao longo destes anos de trabalho. A busca por narrar essas práticas é uma tentativa de apresentá-las como potencialidades para o trabalho pedagógico em diálogo com a abordagem e proposição freiriana, sem a intencionalidade de ser prescritiva e ou uma fórmula pronta aplicável mecanicamente, mas sobretudo o exercício de pensar e realizar criticamente uma inserção ou intersecção e diálogo com Matemáticas e as Africanidades, numa perspectiva de dizer da Matemática em desenvolvimento perspectivadas nos encontros com os e as estudantes.

### **SOBRE AS AULAS DE MATEMÁTICA.**

---

<sup>4</sup> <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/14604>

<sup>5</sup> acessível em [https://www.academia.edu/22160634/37341944\\_Paulus\\_Gerdes](https://www.academia.edu/22160634/37341944_Paulus_Gerdes)

I SIMPÓSIO BRASILEIRO  
DE  
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

18 E 19 DE NOVEMBRO  
- SÃO PAULO -

COM  
PESSOAS JOVENS,  
ADULTAS E IDOSAS



Das parcerias e diálogos que fui construindo com os estudantes da unidade escolar, destaco aqui a forma como um estudante denominou a prática que cotidianamente ao conhecer o trabalho que estava buscando desenvolver na escola.

A EMEFEJA Oziel Alves Pereira, foi identificada por um aluno Valdivino Ferreira Sobrinho, da Educação de Jovens e Adultos, a partir das suas experiências vividas no início da ocupação e da consciência que tinha sobre a importância do direito a casa própria:

No ano de 1996 eu chegava à cidade de Campinas com muita esperança no coração de uma vida melhor. Por que vir para o estado de São Paulo era o sonho de todos os que moram em outros estados do Brasil. E foi em 1997 que participei da maior “invasão” da América Latina, calculada pelos líderes da ocupação naquela época, apontando 30000 (trinta mil) moradores com o mesmo propósito: garantir o direito à moradia da população.

Foi então que os líderes juntamente com a população que ocuparam e mobilizaram muitas ações contra os mandatos de reintegração de posse. O líder Paraíba, convidava toda a população para grandes assembleias e discutia a situação. Havia entre os moradores uma hierarquia de líderes, o Mauro, o Cecílio, o Neguinho e o Clóvis, dentre outros. Mas o Paraíba era o líder supremo. Em fevereiro de 1997 chegava pessoas de todos os lados e uma grande mobilização era realizada dentro da invasão, para conseguirmos o direito à moradia. (Informafricativo 03, 2012)

O convite a registrar por escrito as aprendizagens, vivências e histórias dos estudantes gerou muito material com o qual passei a dialogar e tornar público nas edições dos informafricativos. O relato acima foi publicado na edição 03 em outubro de 2012,



movimentando entre os estudantes um pouco mais sobre a história do bairro e por conseguinte também da escola, onde eles também poderiam contar as suas percepções e conhecimentos.

Nesse processo alguns destaque se faz com a participação dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, pois muitos deles trazem consigo saberes e conhecimentos que por vezes foram silenciados e pouco compreendidos pela escola, no sentido da compreensão desses saberes, numa perspectiva freiriana e que efetivamente produzem e ou reconhecem saberes e experiências de cada estudante e os convida para em parceria protagonizar e problematizar a sociedade e nesta se fazerem críticos e reflexivos sobre os aspectos que geram as desigualdades, os racismo, o machismo e a desumanização dentre outros fatores para se pensar e vivenciar uma pedagogia do ou para o oprimido.

Eis que nesse processo outro estudante da Educação de Jovens e Adultos (FUMEC), após ter acesso as atividades e aulas que desenvolvia na escola, me procurou para saber o que e onde denunciar o patrão por prática de racismo.

Apresentei a ele alguns contatos e organizações que atuavam com a questão racial na cidade de Campinas em particular a CEPİR – Coordenadoria Especial de Promoção da Igualdade Racial, onde ele procurou as orientações mais e específicas e se encorajou para prosseguir com o processo de denúncia de racismo junto a uma delegacia, conforme boletim de ocorrência que ele me apresentou e que gerou a publicação do primeiro informafricativo:

Comparece nesta delegacia a vítima informando que é funcionário da empresa X, no horário das 11h48min. Declara que no interior da empresa seu chefe, Sr. Fulano e o funcionário Sr. Sicrano, estão sempre se dirigindo à vítima de modo pejorativo e sempre relacionando a sua cor (etnia), o chamando de macaco, “borrão de asfalto e step de caminhão”. Ficam fazendo trocadilho, dizendo que em seu caderno está sempre escrito: **banana**. Informa à vítima que comunicou os fatos aos seus superiores por duas vezes e na data de hoje ao chegar para a realização de sua função foi dispensado pela empresa. A vítima foi orientada pelo prazo de 180 dias para a representação. Nada mais. (Informafricativo 1, agosto 2012)

Dessa necessidade e consciência do estudante que denunciou o patrão, emerge uma demanda para mim, como professor e responsável naquele momento pela edição da publicação de um informativo escolar, com a temática das africanidades. Eu era professor



de matemática da escola e com formação e experiência sobre História e Cultura Africana e Afro Brasileira, por ter participado do Programa MIPID – Memória e Identidade: Promoção da Igualdade na Diversidade, programa da Secretaria Municipal de Educação de Campinas e que foi o tema de estudo do meu mestrado junto ao GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

A construção de cada edição do informaficativo, se dá num movimento, onde busco apresentar reflexões dos estudantes, tanto do Ensino Fundamental, quanto da EJA, algumas reflexões dos professores da unidade e fundamentos teóricos com a apresentação de alguns conceitos ou atores que vão sendo cotejado ao longo das 54 edições atuais.

E numa dessas edições um estudante trouxe o conceito de matemáfica, explicitando como ele percebeu o trabalho por mim desenvolvido na escola, buscando o diálogo entre a matemática e as africanidades.

“Matemática, ciência que tem por objetivo estudar as grandezas, formas e relações numéricas. Tudo na vida é preciso usar matemática, como por exemplo, nas comunidades mais pobres do país, que não conseguem realizar os desejos dos seus filhos. Então eles acabam criando suas próprias ideias para satisfazer os seus gostos e problemas.

Outro dia, por exemplo, estava conversando com meu sobrinho caio (aluno do mesmo professor de matemática). Ele disse que o professor Wilson, não era bom professor e que só falava de África ao invés de ensinar matemática.

Eu expliquei que ele estava ensinando matemáfica, por que a África é o continente "mais pobre" do mundo, onde muitas pessoas não têm dinheiro para comprar presentes para seus filhos.

Através das suas boas ideias e por falta de recursos os africanos conseguem animar e deixar suas crianças felizes. É por isso que o professor explica tudo nos mínimos detalhes, para que todos possam aprender o valor da matemática.

Ele parou, pensou, pensou mais um pouquinho e disse:

- Tio, sabe que o senhor tem razão. Pensando por esse ângulo, ele é um ótimo professor.

Nesse diálogo entre tio e sobrinho, atravessado pelo que se aprende nas aulas de matemática e também como é possível fazer com que as pessoas possam conversar sobre



temas que precisam constituir o cotidiano da escola, favorecendo uma prática pedagógica, onde a presença da população negra é possibilitada de forma humanizada.

## REFERÊNCIAS

**Africanidades, afrodescendência e educação:** Fundamentos, Experiências e Lições para o Porvir/[organizadores] Francisco Evangelista, Lucineia Crispim Pinho Micaela, Rubia Cristina Cruz. - 1. ed. - Curitiba, PR: CRV, 2017

D'AMBROSIO, U. **Para uma História da Etnomatemática ou A Matemática dos Não-Matemáticos.** In: I Colóquio Brasileiro de História da Matemática e IV Encontro Luso-Brasileiro de História da Matemática, 2005, Natal. **Anais do I Colóquio Brasileiro de História da Matemática e IV Encontro Luso-Brasileiro de História da Matemática.** Natal: SBHMat/Editora da UFRN, 2005. v. 1. p. 188-213.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERDES, P. **Geometria Sona le Ang Ola Matemática duma Tradição Africana.**